
Urbanidade e espaço público na cidade contemporânea

Investigando o caso de Palmas e sua praça cívica

EURAU'12

ABSTRACT. This paper discusses the urbanity level of the "Praça dos Girassóis" in the new town of Palmas, Brazil, where urbanity is a quality of the open and public space more welcoming, comfortable and pleasant, which presents a more refined human scale. It is aimed to investigate how the configurational relationships among city's parts affect the use of the civic square in comparison to their original desired performance. Thus, the analysis of Praça dos Girassóis as a landmark of the new capital Palmas, the first area to be urbanized and also the most symbolic of this contemporary city, illustrates how its configurational features interfere in its urbanity, creating a peculiar scenario amongst other Brazilian civic squares. Methodology takes in consideration Space Syntax theoretical framework, especially regarding axial and visibility maps.

KEYWORDS. Public space, square, configurational features, urbanity.

Ludmila Fernandes* _ Valério Medeiros*

** Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília
ICC Norte, Gleba A, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte,
Caixa Postal 04431, CEP 70904-970, Brasília – DF
dias_ludmila@hotmail.com ; medeiros.valerio@uol.com.br
(+55) (61) 3107-6630*

1. Introdução

O artigo trata da urbanidade da Praça dos Girassóis, situado na cidade de Palmas (Tocantins, Brasil), e procura investigar como as relações configuracionais entre as partes da cidade afetam o uso da praça em comparação com o desempenho originalmente previsto. Em termos metodológicos, emprega-se o ferramental disponibilizado pela Teoria da Lógica Social do Espaço ou Sintaxe Espacial, especialmente no que diz respeito aos mapas axial e de visibilidade.

A análise é conduzida a partir da concepção da cidade e do correspondente caráter cívico da praça, explicitando os princípios urbanísticos que permeiam conceitualmente a proposta. São exploradas feições relativas à reprodução/repetição de modelos, ponderando o desempenho do lugar em termos de configuração espacial.

À investigação interessa a performance do espaço público enquanto lugar coletivo e de congregação, tendo em vista as expectativas relacionadas à interação social, que dizem respeito a um sistema de encontros e esquivações, de concentração e dispersão de pessoas (HOLANDA, 2007). Tal interação no espaço público, acredita-se, é possibilitada por certos tipos de configuração espacial, uma vez que se assume que espaços públicos repletos de movimento, ou o inverso, estão associados a diferentes atributos do desenho urbano.

De acordo com HOLANDA (2003), os espaços públicos que apresentam maior apropriação, uso diversificado e cotidiano, tornando-se lugar de permanência e pertencimento, contemplam maior grau de urbanidade – conceito que pode ser utilizado para compreender possíveis implicações das configurações dos lugares para o convívio das pessoas. Acredita-se que a existência/permanência desse tipo de espaço público no tecido das cidades depende prioritariamente de uma série de relações interpartes entre os elementos constituintes do sistema urbano, a afetar os diferentes níveis de vitalidade quanto aos fluxos de indivíduos no espaço. Desta maneira, a análise da praça cívica como marco da nova capital Palmas, primeiro espaço a ser urbanizado e aquele de maior conotação simbólica do assentamento, ilustra como seus atributos configuracionais interferem em sua urbanidade, criando um cenário peculiar quando consideradas outras praças congêneres brasileiras.

2. Palmas: a última capital brasileira planejada no século XX

Os esforços do governo brasileiro para ocupar de forma mais homogênea o território nacional, cujo ícone reside na inauguração de Brasília em 1960, prosseguiu até finais do século XX. Uma das últimas ações sobre o tema correspondeu à criação da unidade federativa de Tocantins, determinada pela Constituição Federal de 1988. O novo estado ocupou a região norte de Goiás, uma área cujas características predominantes eram baixo indicadores sócio-econômicos, reduzida urbanização, existência de expressiva quantidade de latifúndios e conflitos de terra.

O primeiro governo eleito da nova unidade federada contratou o escritório de arquitetura GRUPOQUATRO, coordenando pelos arquitetos Luiz Fernando Cruvinel Teixeira e Walfredo Antunes de Oliveira, para os planos e projetos da nova capital. Estabelecer um novo assentamento para a sede de governo foi interpretado como um passo simbólico para as transformações que o gesto político da criação de Tocantins transparecia. Optou-se então por situar o assentamento no centro

geográfico do estado, equilibrando as distâncias médias entre os municípios e a sede.

Fundada em 20 de maio de 1989, Palmas é a última da sucessão das novas capitais brasileiras construídas a partir da República até o fim do século XX (FERNANDES, 2011). Entretanto, apenas foi ocupada como sede do governo em 1º de janeiro de 1990 – data da instalação dos poderes constituídos, embora os edifícios do governo e da infraestrutura ainda não estivessem prontos.

TRINDADE (2009. 68) observa que Goiânia (capital do estado de Goiás), inaugurada em 1937, e Brasília, foram inspiração para Palmas em três aspectos: centro administrativo claramente demarcado na paisagem urbana, rede viária estruturada por rótulas e presença de largas avenidas.

Os autores do projeto estabeleceram como um dos princípios norteadores do plano urbanístico a articulação entre os espaços públicos e privados, cívico e comercial, no centro urbano. Igualmente definiram que “a Praça dos Girassóis, centro cívico da cidade, está situada na interseção das Avenidas JK e Teotônio Segurado, ponto de convergência de Palmas” (GRUPOQUATRO, 2011). O lugar compreende um grande espaço público que abriga os edifícios institucionais destinados ao governo estadual, constituindo elemento definidor para o desenho da cidade.

3. A Praça dos Girassóis: do projeto à implantação

A primeira proposta do GRUPOQUATRO para o centro cívico consistia em duas grandes praças no centro do espaço a ser urbanizado inicialmente, uma de cada lado do grande eixo Norte/Sul que atravessa a cidade, contendo os principais edifícios do poder estadual. Esses dois espaços seriam complementados por um museu e um local simbólico denominado “Praça do Girassol”. Nessa primeira proposta, a localização do Palácio Araguaia, sede do governo, era ao lado do eixo principal Norte/Sul (Avenida Teotônio Segurado) e não em uma posição de destaque.

Numa proposta posterior, os arquitetos locaram o palácio sobre o pequeno morro existente no terreno, e as duas avenidas principais que chegam até a praça principal passaram a desembocar numa rótula de grandes proporções em seu centro. Naquele momento, a praça ficou dividida em cinco áreas: o platô oval onde se localizava o Palácio Araguaia e outros quatro quadrantes onde foram acomodados os demais edifícios dos poderes representativos de Tocantins – o Palácio João D’Abreu, sede do Legislativo; o Palácio Feliciano Machado Braga, sede do Judiciário; e as Secretarias de Estado.

A Praça dos Girassóis foi implantada conforme essa última solução projetual (fig. 1), convertendo-se em lócus da monumentalidade no assentamento, especialmente pela questão da escala: a praça tem aproximadamente 63 hectares e mede 750 por 850 metros (COCOZZA, 2007). Tais dimensões são expressivamente superiores àquela das demais praças cívicas brasileiras (FERNANDES, 2011).

Essa primeira configuração fracionada em quadrantes, entretanto, apresentava alguns problemas – a imensa rótula e os desníveis dificultavam o acesso e a circulação de pedestres e veículos. Por essa razão, em 1993 foi elaborado o projeto de alteração e de paisagismo da Praça dos Girassóis pela Empresa ARQPLANT Paisagismo, tendo como autor o Arquiteto Fernando Acylino. Este projeto foi adaptado em 1998 pela Empresa SIGLA Projetos de Arquitetura e Engenharia Ltda., sob a responsabilidade do arquiteto Silenio Martins Camargo e do corpo técnico da Secretaria de Estado da Infraestrutura (SEINF).

As principais mudanças realizadas compreenderam aspectos topográficos e de sistema viário: foram feitos alguns cortes e aterros, de modo que, do lado norte, conformaram-se rampas e duas escadarias de acesso ao Palácio Araguaia, com uma plataforma entre elas que serviria como parlatório em momentos cívicos. A rótula foi removida, o que implicou o fim do cruzamento entre as Avenidas JK e Teotônio Segurado; foram mantidas as pistas duplas no entorno e criadas várias entradas para os estacionamentos laterais no intuito de facilitar o acesso às secretarias de governo.

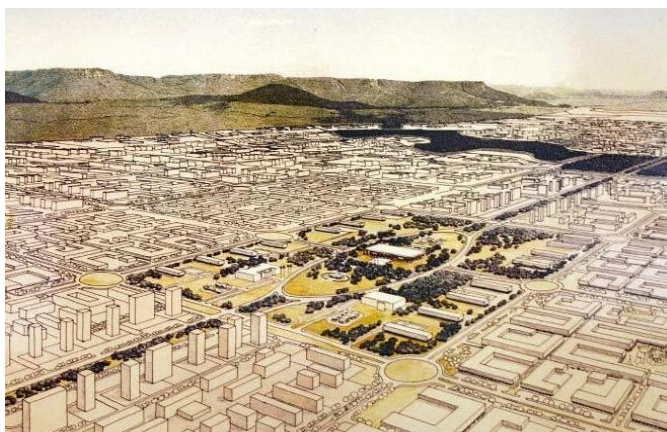


Fig. 1



Fig. 2

A obra de reforma da praça foi finalizada em 2002 (fig. 2). Atualmente os edifícios que compõem o espaço são: no centro o Palácio Araguaia, ao norte a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça, a oeste oito Secretarias de Estado, a leste quatro Secretarias de Estado (das oito que foram previstas no projeto), ao sul o Memorial Coluna Prestes. Há também um espaço destinado à futura construção de uma catedral. Existem ainda monumentos e espaços destinados ao lazer:

Monumento Dezoito do Forte, Relógio de Sol, Cruzeiro (Memorial da Primeira Missa), Pórticos de entrada leste e oeste, Monumento Súplica, Monumento à Bíblia, Praça Krahô, Praça de Eventos, Praça de Alimentação, Cascata, Espelhos d'água, Fonte Luminosa e Playground.

4. Análise configuracional

A partir do histórico e da caracterização da Praça dos Girassóis, este item contempla a interpretação das relações configuracionais existentes no lugar, por meio da investigação morfológica, considerando os aparatos teóricos, metodológicos e instrumentais da Teoria da Lógica Social do Espaço ou Sintaxe Espacial. Um dos objetivos centrais da abordagem é estabelecer relações entre espaço e sociedade, a última entendida como um sistema de probabilidades de encontros (HILLIER & HANSON, 1984; HOLANDA, 2002).

Em relação à pesquisa, são adotadas especificamente as técnicas do mapa axial e do mapa de visibilidade. O mapa axial, desenhado com base na estruturação das vias e derivado da representação linear, permite a visualização de uma malha viária em gradações de potenciais de fluxos e movimentos, isto é, potencial de permeabilidade, de acessibilidade topológica ou integração. O mapa de visibilidade, por sua vez, resulta dos mapas de barreiras visuais – elaborados a partir da identificação dos elementos urbanos que bloqueiam o movimento de pedestres sobre o chão (como edifícios, monumentos, mobiliário, espelhos d'água, degraus). Aplicado usualmente para escalas menores, permite o achado de pontos no espaço que apresentam melhor desempenho quanto ao potencial de concentrar movimento, tendo estreita relação com a maneira pela qual as pessoas se apropriam dos lugares em seus trajetos.

A exploração dos atributos configuracionais da praça cívica envolveu ainda a investigação das seguintes variáveis: (a) dimensões (conforme as feições geométricas), (b) tamanho dos espaços convexos (identificação das unidades topológicas que conformam áreas próprias no espaço da praça), (c) constitutividade (quantidade de portas voltadas para o espaço público, fornecendo e recebendo fluxos), (d) contraste entre cheios e vazios, (e) densidade construída, (f) e integração (potencial de acessibilidade topológica) (cf. HOLANDA, 2002; MEDEIROS, 2006). As variáveis foram interpretadas de acordo com o grau de urbanidade, ponderando-se a premissa que a arquitetura é capaz de engendrar movimento, afetando a copresença ou o convívio entre pessoas (HOLANDA, 2002).

No caso das praças cívicas, sítios de natureza monumental por excelência, sabe-se que atributos configuracionais podem promover espaços que acentuam a agregação de indivíduos, ou o contrário, quando o propósito está em somente demarcar o simbolismo inerente às instituições que as circundam. O resultado é, no primeiro caso, uma monumentalidade urbana, e no segundo, formal (HOLANDA, 2010).

4.1. Análise global

Atualmente a estrutura urbana de Palmas extrapola os limites do plano urbanístico da nova capital e já ocupa grande parte das áreas previstas para a expansão no projeto do GRUPOQUATRO.

O plano urbanístico da nova capital previa uma ocupação a partir da área central da cidade em direção ao sul e depois sempre em "fitas", na direção leste/oeste, para diminuir o gasto inicial com infraestrutura e garantir o crescimento harmônico.

Entretanto, a grande quantidade de famílias que migrou atraída pelo novo assentamento implicou a ocupação das terras adjacentes ao sítio consolidado. Tais áreas, ainda sem infraestrutura e caracterizados predominantemente por uma população de baixa renda, foram oficializadas posteriormente pelo estado, inclusive a considerar a população residente: os distritos Aurenys e Taquaralto, em 2007, já apresentavam um adensamento maior que o da cidade planejada.

Ao analisarmos o arranjo da estrutura urbana da nova capital, por meio de sua representação linear e mapa axial (fig. 3), destacamos algumas implicações do desenho do parcelamento planejado e da ocupação dos distritos adjacentes: (a) existem eixos globais que cruzam o núcleo urbano planejado nos sentidos norte-sul e leste-oeste, o que nos remete ao planejamento global da nova capital e promove melhor articulação, clara distinção hierárquica entre vias e, portanto, maior fluidez circulatória; (b) entretanto, há apenas dois eixos que conectam o núcleo urbano planejado aos distritos – Avenida Teotônio Segurado e Rodovia Estadual TO-050 ou TO-010 – o que fragiliza as relações interpartes do sistema urbano, pois os deslocamentos são fortemente dependentes de poucas vias.

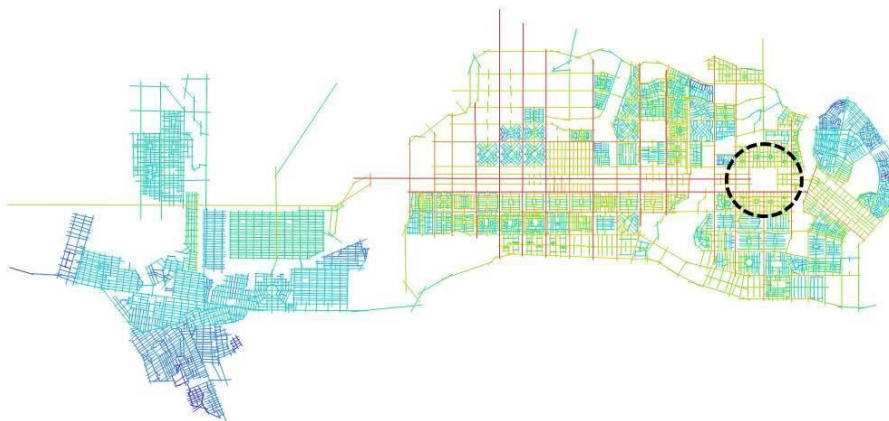


Fig. 3

Palmas, tendo em vista a conformação da mancha urbana, apresenta um núcleo de integração linear, correspondente aos grandes eixos norte-sul que atravessam a cidade. O planejamento de nítida ênfase rodoviária (viária) distribui melhor a acessibilidade pela malha, a considerar o alcance das vias mais integradas por boa parte da rede. O eixo norte-sul mais integrado é a via NS-02, seguido da Avenida Teotônio Segurado, sendo que ambos convergem para a Praça dos Girassóis.

Das interpretações, entende-se que a despeito do crescimento desordenado e espalhado nesta relação entre sítio planejado e áreas do entorno, a Praça dos Girassóis não perdeu um atributo importante oriundo de sua concepção: o espaço permanece morfologicamente central no sistema, articulado aos eixos mais acessíveis, fator que potencialmente contribui para a urbanidade do lugar.

4.2. Análise local

No projeto da praça cívica de Palmas, é possível identificar a preocupação com o desenho interno, a diversidade de programas funcionais e a proposta de várias "praças menores" cada uma voltada para um uso distinto. O acúmulo de atribuições do espaço – abrigar os principais edifícios do governo estadual, ser destinado à realização de eventos de vários tipos, ao lazer ativo e também o ócio, à cultura, às manifestações religiosas etc. – é uma intenção clara traduzida no lugar.

Não é adequado definir a utilização geral da Praça dos Girassóis como frequente ou intensa, mas nela se desenvolvem atividades de uso cotidiano que acontecem em lugares específicos e ocupam partes da praça. As dimensões alargadas, além de dificultarem o contato visual e interpessoal, condicionam a formação de espécies de "ilhas" de convívio dentro desse espaço amplo que apenas teria sua capacidade máxima de ocupação alcançada em eventos públicos de grandes proporções.

A verificação do comportamento dos indivíduos realizada para a pesquisa (cf. FERNANDES, 2011) legitima as conclusões de que os usuários do espaço permanecem algum tempo depois do anoitecer, e quando não estão praticando atividade física, ficam distribuídos na Praça de Alimentação, na Praça de Eventos, nas proximidades da cascata e entre o Memorial Coluna Prestes e o Memorial 18 do Forte. Esses espaços funcionam como "praças menores" dentro da grande praça que se assemelha a um parque urbano.

Localmente, o espaço é (a) pouco integrado ao entorno e fortemente ilhado por eixos de circulação de veículos, (b) possui dimensões monumentais que se afastam da escala do pedestre, (c) imensos espaços convexos que prejudicam a visibilidade do outro, (d) faltam planos limítrofes e a sensação de que é ampla demais é potencializada, (e) o espaço é mal definido, (f) há predominância de vazios e (g) baixa densidade construída. Todos os atributos configuracionais locais destacados comprometem, portanto, a urbanidade da praça.

A fragmentação do espaço gera vários trajetos possíveis e um mapa axial de pedestre complexo (FERNANDES, 2011). Esse mapa apresenta a maioria dos eixos pouco integrada e alguns grandes eixos de integração (fig. 4) – a acessibilidade é mal distribuída entre os caminhos, sem uma clara gradação hierárquica, o que dificulta a apreensão. Pelo mapa de visibilidade (fig. 5), por sua vez, confirma-se a proeminência do "lugar pensado dentro da Praça dos Girassóis para funcionar como espaço cívico" (CAMARGO, 2011) para acomodar os eventos que reúnem a população – o espaço central denominado "Praça de Eventos" é claramente o espaço mais acessível visualmente, enquanto o restante do espaço apresenta baixa visibilidade.

Podemos concluir que não há unidade espacial, de modo que a praça é dificilmente apreendida em sua totalidade. A identidade sintática desse espaço é definida pela predominância de uma monumentalidade formal, o que compromete, portanto, aspectos de urbanidade (FERNANDES, 2011).

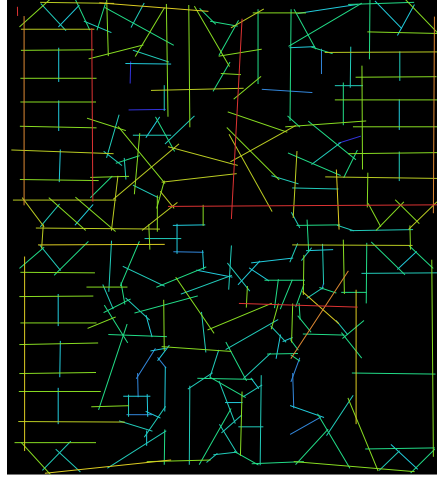


Fig. 4

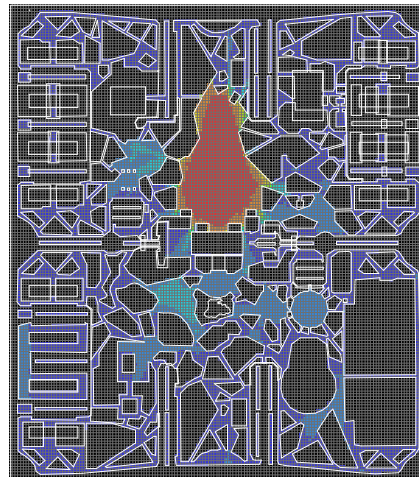


Fig. 5

5. Conclusões

A análise da Praça dos Girassóis por estratégias configuracionais demonstra a capacidade de ferramentas de leitura e representação do espaço, com viés morfológico, em ilustrarem as dinâmicas existentes no espaço público. A comparação entre as premissas do partido urbanístico e sua conformação posterior (FERNANDES, 2011) esclarece a distância entre determinados conceitos e aquilo que efetivamente se materializou na construção da cidade, a comprometer a vitalidade urbana, ou caracterizá-la.

A investigação da Praça dos Girassóis aponta que, a despeito de um nítido repertório baseado em referências de espaços públicos precedentes (praças cívicas preexistentes desde a República, ou em períodos anteriores, como na época colonial), a questão de escala para valorizar a monumentalidade comprometeu severamente a percepção de um espaço único.

Se nas praças coloniais brasileiras, em que se estabeleceu a administração local, a delimitação do espaço vazio e a escala das edificações exprimiam o carácter simbólico do lugar, imerso em uma estrutura de expressiva urbanidade (HOLANDA, 2002), na Praça dos Girassóis a ruptura na escala produz um vazio largo no tecido, que mais se aproxima das feições de um parque urbano. Ali conformam-se atividades de maneiras independentes, o que promove a sensação de ilhas atividades independentes e/ou interdependentes.

A análise global da estrutura urbana demonstrou que a posição da Praça dos Girassóis no sistema pode favorecer a urbanidade, pois eixos globais bem integrados conduzem à praça. A despeito disso, os atributos locais do espaço – responsáveis por sua identidade configuracional – pertencem ao paradigma da formalidade, comprometendo a urbanidade.

Conforme explora HOLANDA (2002), a presença de pessoas no espaço público está diretamente relacionada ao conceito de urbanidade. Haja vista que podemos falar em urbanidade social (relativa aos modos de interação social) e urbanidade arquitetônica (atributos do lugar que favoreçam a urbanidade social, o convívio e a interação entre pessoas, a utilização frequente e diversificada), a Praça dos Girassóis apresenta certa urbanidade social uma vez que a presença de pessoas na praça é cotidiana, mas não é um espaço onde predomine a urbanidade arquitetônica. Seus atributos configuracionais prejudicam o convívio e fazem com que o encontro entre as pessoas seja diluído no espaço, o que similarmente reduz a permanência dos usuários no local.

À vista disso, é possível afirmar que as características desejáveis para se assegurar a vitalidade dos espaços públicos – melhor articulação configuracional entre a praça e (1) seu entorno imediato, (2) a cidade, e (3) os usos afins – não são encontradas no espaço de nossa análise.

6. Legendas

Fig. 1 - Perspectiva ilustrativa da área central de Palmas, com destaque para a praça principal, na versão final do plano urbanístico. Fonte: PROJETO, 1991, p. 99.

Fig. 2 - Foto aérea da Praça dos Girassóis após a reforma. Crédito: Márcio Di Pietro. Fonte: FERNANDES, 2011.

Fig. 3 - Mapa axial de Palmas com destaque para o local onde está a Praça dos Girassóis. Os eixos em vermelho (mais integrados) são a Av. Teotônio Segurado (que é interrompida pela praça) e a NS-02 (que conecta o norte, o centro e o sul da cidade sem interrupção). Crédito: Valério Medeiros/ Ludmila Dias. Fonte: FERNANDES, 2011.

Fig. 4 - Mapa axial de pedestres. Percebem-se os grandes eixos de integração e diversos eixos menores pouco integrados. Fonte: FERNANDES, 2011.

Fig. 5 - Mapa de Visibilidade. O espaço central denominado Praça de Eventos se destaca, é claramente o mais visível (em vermelho) enquanto os demais espaços apresentam pouca visibilidade (em azul). Fonte: FERNANDES, 2011.

7. Bibliografia

- CARMARGO, Silenio. *Entrevista sobre o Projeto da Praça dos Girassóis*, Palmas. 2011 (comunicação particular).
- COCOZZA, Glauco de Paula. *Paisagem e urbanidade*. São Paulo, Tese de Doutorado em Paisagem e Ambiente FAUUSP, 2007.
- FERNANDES, Ludmila. *As praças cívicas das novas capitais brasileiras*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2011.
- GRUPOQUATRO. Disponível em: < <http://www.grupoquatro.com.br/> >. Acesso em: 03 mar. 2011.
- HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. *The social logic of space*. Cambridge, CUP, 1984.
- HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção*. Brasília, Ed. UnB, 2002.
- HOLANDA, Frederico de (org.). *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo, ProEditores Associados Ltda., 2003.
- HOLANDA, Frederico de. *Arquitetura sociológica*. In Anais XII Encontro Nacional da ANPUR, Belém, 2007.
- HOLANDA, Frederico. *Urbanidade*. In: Anais I ENANPARQ, Rio de Janeiro, 2010.
- MEDEIROS, Valério. *Urbis Brasiliae*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2006.
- TRINDADE, Dirceu. *Challenges for New Town Design in a Frontier Region: Palmas*. In: Del Rio, Vicente; SIEMBIEDA, William (Org.). *Contemporary Urbanism in Brazil – Beyond Brasília*. Florida, University Press of Florida, 2009. 65-81.

8. Biografias

Ludmila Fernandes é arquiteta e urbanista, graduada pela Universidade Estadual de Goiás. Possui mestrado em Planejamento Urbano e Projeto Urbanístico pela Universidade de Brasília. Trabalha no Governo do Distrito Federal como arquiteta da Agência de Desenvolvimento do DF – Terracap.

Valério Medeiros é arquitetura e urbanista, graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2001), e doutor pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (2006), com período de estágio na *University College London* (2006). Realizou, em 2012, estágio pós-doutoral no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. Atualmente é Pesquisador Colaborador Pleno e Professor do PPg/FAU/UnB, Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Unieuro e Analista Legislativo (Arquiteto) da Câmara dos Deputados, onde coordena as ações de gerenciamento e planejamento dos espaços físicos da instituição.